

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. A LEITURA, A EDUCAÇÃO CÍVICA E A HISTÓRIA NA ESCOLA PRIMÁRIA.

LIMA, Augusto César Pires de

Ano: 1931 | Número: 41

Como citar este documento:

LIMA, Augusto César Pires de, Conferência. A leitura, a educação cívica e a história na Escola Primária. *Revista de Guimarães*, 41 (1-2) Jan.-Jun. 1931, p. 20-29.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A Leitura, a Educação cívica e a História na Escola Primária

(Conferência pronunciada na Sociedade Martins Sarmento
em 9-3-31, por Augusto César Pires de Lima)

Eduardo de Almeida, levado pela boa camaradagem que sempre mantivemos nos cinco anos passados em Coimbra, e pela leitura de alguns trabalhos meus, supôs-me capaz de architectar uma conferência.

Deveis perdoar-lhe a fraqueza, pois os espíritos mais cultos não se mostram insensíveis à voz do sentimento, e deixam-se seduzir pela amizade, que denuncia um valor onde êle não existe, e confunde o trabalho com a inteligência.

Daí a indicação do meu nome.

Mas uma leviandade nunca vem sôzinha!

¿Pois como tive eu a imprudência de aceder a um convite, que me obrigou a vir aqui, a êste lugar, onde tantos homens, notáveis pelas suas qualidades naturais e pela sua erudição, fizeram ouvir já a sua voz autorizada?!

¿Como foi possível a um simples curioso em questões de pedagogia apresentar-se diante de um auditório de professores experientes, que aqui entraram na esperança de aprender alguma coisa de novo, e que hão-de sair desiludidos; em frente de alunos ansiosos por compreender todo o sentido desta festa, quando eu não tenho para lhes dar senão palavras, essas palavras inúteis contra as quais se revoltava, e justamente, nos *Elementos Tradicionais de Educação* (1) o grande mestre de pedagogia que foi Adolfo Coelho?!

A minha falta, porém, justifica-se:

E' que no meu espírito, ao receber o convite, se estabeleceu uma estranha confusão!

(1) Pôrto, 1883, Livraria Magalhães & Moniz.

Filho de um homem, que, de operário, se elevou à situação de professor de instrução primária, um dos mais honestos, mais trabalhadores e mais competentes dos mestres do seu tempo; professor interino também de instrução primária durante alguns meses na Escola da aldeia onde nasci; guia carinhoso dos meus filhos no ensino das primeiras letras; autor de alguns livrinhos que algum interesse revelam pela causa da instrução; entendi, embora erradamente, que o amor pela causa dos pequeninos me dava o direito de falar diante de uma assembleia onde essa causa devia ser exaltada.

Espero que não me condenareis implacavelmente, porque... se não nutris por mim qualquer estima, tendes em melhor conta a pessoa que aqui me trouxe, e a falta... pertence a ambos.

A palmatória, como instrumento de ensino, foi caindo em desuso.

Hoje raras vezes é manejada, e essas às ocultas.

Ninguém defende também o processo de ensinar a ler por meio de gritos, de ameaças, do terror enfim.

Nem tampouco se admite que os preceitos da moral, da higiene, da educação cívica, sejam transmitidos às crianças por meio de frases para elas sem sentido.

«As crianças sãs, escreveu Adolfo Coelho, apreciam apenas uma história em que haja movimento, acção, com um enredo e desenlace, sem sentenças de permeio, quer se trate de virtude premiada, quer de algum finório patife que engana o seu vizinho lorpa» (1).

Se eu quiser, por exemplo, ensinar às crianças as vantagens da leitura não irei naturalmente obrigá-las a papaguear o célebre trecho de Castilho, com que o protocolo mandava abrir os livros às mesmas crianças destinados:

«A leitura, meus amigos! Sabeis vós bem o que é a leitura?! É' de tôdas as artes a que menos custa e a que mais rende.

(1) Obra cit.^a, pág. 10.

« Há livros que, semelhantes a barquinhas milagrosas, incorruptíveis e inaufragáveis, nos levam pelo oceano das idades, a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo que lá vai . . .

« A povoação onde se sabe ler e se lê, floresce mais, é mais pacífica e morigerada, mais unida e rica, mais poderosa e contente, mais amável e mais amada. »

Se êsse hino em honra da leitura, apreciável apenas pela sonoridade da linguagem, produzisse algum efeito sobre o espírito infantil, que não produz, incutiria algumas ideias erradas.

São mais unidos e de costumes mais severos os analfabetos das nossas serras do que os habitantes cultos das cidades . . .

Mas ¿ como poderemos nós então insinuar nas crianças o amor pela leitura?

Descendo até elas, numa linguagem simples, compreensível, numa história em que haja « enredo, movimento e um desenlace ».

Tentemos um exemplo :

A força da vontade

« Aos nove anos Pedro ainda não se desembaraçara na leitura.

« Conhecia bem as letras, mas juntava-as com dificuldade.

« Na escrita então era o mais atrasado da classe !

« Era um rapaz irrequieto, sempre com o pensamento nos folgedos.

« A mãe, uma pobre mulher do campo, analfabeta como muitas, sofria imenso com o desleixo do seu único filho, mas não achava em si forças para o corrigir. Tinha de recorrer aos estranhos quando as cartas do homem, ausente há cinco anos, chegavam do Brasil.

« Uma vergonha !

« E, para maior aflição, o pai vinha sempre com uma exigência: queria que o filho lhe enviasse, como tinha prometido há muito, uma carta escrita por sua mão . . .

«Mas os meses iam passando, e a carta nunca seguia!

«Uma vez, o pai escreveu a dizer que tinha reunido os meios suficientes para a compra da casita onde a familia morava — fito que o levaria a emigrar — mas que não regressaria sem receber a carta prometida...

«Enquanto durou a leitura, Pedro fitava o rosto amargurado da mãe, por onde as lágrimas iam deslizando umas atrás das outras.

«E, ao mesmo tempo que a pobre mulher parecia ir envelhecendo de dia para dia, o Professor e os companheiros do preguiçoso começaram a reconhecer nêle uma certa mudança: Pedro parecia outro!

«Três meses depois o pai abria com alvoroço a carta há tanto tempo desejada, com um pedido simples, mas em que o arrependimento e a ansiedade se revelavam:

«Pai, venha depressa; a mãe não faz senão chorar!

«E, um belo dia, quando menos se esperava, o emigrante entrou pela casa dentro a reunir no mesmo abraço a mulher e o filho.»

Trafa-se, evidentemente, de uma tentativa, imperfeita como tôdas as tentativas, que têm apenas a servi-las o desejo de acertar.

Mas, embora simples esbôço, mostra-nos a evidência como podem ser substituídos com vantagem dezenas e dezenas de trechos, que nos pregam sêcamente a coragem, a abnegação, a verdade, o trabalho, e que as crianças lêem aborrecidas durante uns momentos, para os esquecer logo a seguir.

Tomemos ao acaso alguns, extraídos de livros de leitura de instrução primária:

A coragem

«A coragem é uma das qualidades do carácter.

«Os que tremem de susto diante dos menores perigos, nunca irão muito longe na vida. A coragem dá-nos decisão.

«Para ela, as dificuldades, se existem, podem ser vencidas.

«Com ela a dor surportar-se há melhor. Os homens corajosos são leais. Os cobardes são traiçoeiros.»

La apostar como nenhuma destas frases provocará a mínima impressão nos alunos da terceira classe a que o livro se destina: os leitores hão-de ficar indiferentes.

Mas, desde que nós falamos ao sentimento das crianças, os pequeninos corações começam a bater mais apressados, as lágrimas, contra sua vontade, acodem aos olhos, e a lição fica.

A semente conservar-se há adormecida, mas vê-la hemos um dia germinar quando uma situação idêntica surgir.

É não seria impossível substituir a lição, como vai ver-se:

Um pequeno herói

«De cima da rampa um rapazito, de dez anos, quando muito, contemplava a estrada, entretendo-se, à falta de outro brinquedo, a rolar umas pedritas, e vê-las cair na valeta!

«De repente avista um carro de bois.

«Encostado a umas pipas, postas ao alto, cabeceava o carreteiro, perdido de sono.

«De repente, ao passar uma roda por cima duma pedra, há um solavanco, e o homem tomba diante da roda, que o ia esmagar.

«O rapazito compreende, num segundo, o perigo, e, sem uma hesitação, dá um pulo para a estrada, aparece como por encanto em frente dos bois e obriga-os a parar.

«O carreteiro, um pouco ferido, levanta-se ainda estremunhado, e, quasi alheio ao que se passara, castiga injustamente os animais, murmurando umas breves palavras de agradecimento para o rapazito.

«... É o pequenino herói, com a maior naturalidade, retoma o seu pôsto na rampa, a brincar com os seixos, que continuam a enfileirar-se na valeta.»

E, como êste exemplo não é perfeito, pois foi imaginado por mim, vou buscar outro, bem real, e que tantas vezes ouvi contar a meu pai:

Um herói de doze anos

«Frequentava a Escola de Areias, em 1882, um rapaz de doze anos, José Maria Machado, natural de uma frêguesia vizinha.

«Um dia entretinha-se com uma irmãzita a apanhar bolotas, quando foram assaltados por um cão danado.

«O rapaz, sem se perturbar com os gritos da irmã, desprezando as mordeduras que o deixaram em estado lastimoso, lança-se ao cão e segura-o até dar tempo a que alguém acuda e o mate.

«Algumas semanas depois, morria o estudantinho, atacado de raiva, no meio dos mais atrozes sofrimentos.

«Assim se sacrificou, com a maior simplicidade, para salvar a irmã e impedir que outras pessoas fôsem mordidas.

«¡Como seria lindo ver o nome de José Maria Machado esculpido na Escola de Areias (1) ao lado do retrato do seu professor!»

Vê-se daqui que a matéria não falta. A verdade é que falham muitas vezes os pedagogistas.

E digo — pedagogistas — porque, como já observou, e muito bem, Adolfo Coelho, ser escritor não basta:

«Uma grande parte dêsses livros (os livros adoptados nas escolas primárias e empregados na educação familiar) inspiram a nossa desconfiança logo no primeiro lance de olhos pela leitura do nome dos seus autores, que não são nem pedagogistas nem professores...» (2)

(1) Hoje Escola de Fernando Pires de Lima, como homenagem aos serviços prestados por meu pai à causa da instrução.

(2) Obra cit.

Lancemos os olhos para o trecho *Fraternidade*, tirado de um livro de D. António da Costa para umas leituras da 3.^a classe:

«Era no arrabalde duma das nossas povoações mais florescentes. A atmosfera estava tépida, ia-se pôr o Sol.

«Por entre o arvoredado da espaçosa várzea, uma ninhada imensa de avezinhas pipilava docemente como quem aguardava, tão parecido com a esperança era o seu pipilar!

«Passado tempo, dum campo extensíssimo, dividido por silvados e arbustos, vem uma nuvem de pássaros chilreando.

«Ao verem chegar os pais, as avezinhas batem as asas de contentes.

«Ali gorjearam, grandes e pequenas.

«De repente, como que depois dum festejo, levanta todo aquele mundo, voando em direcção da seara, indo, na frente uma tribo de pais, e por último o resto dos grandes.

«Uma das pequenas não pode encher o vôo, cansa, cai.

«Destacam então da rectaguarda duas aves, descem à terra, com os bicos pegam na pobre fatigada pelas asas, e de novo elevando o vôo, juntam-se à turba-multa, que, parecendo comentar o caso, continua a viagem aérea, deixando ali um exemplo de entre milhões de exemplos despercebidos, que, no decorrer dos séculos, ainda mais demonstrariam a sublime harmonia da Natureza.»

! Se todos os milhões de exemplos de que fala o escritor para demonstrar a harmonia da natureza são tam verdadeiros como esse, pobre *Fraternidade*!

Uma criança, ao ler a história, pensará lá consigo, um pouco desconfiada:

¿ Onde iria o Autor descobrir as aves que descem à terra a procurar as companheiras, caídas pela fadiga, e as levam agarradas pelas asas por esses ares fora?

E, se a fraternidade, para se impor, precisa de recorrer à mentira, deve ser pouco respeitável.

Não obstante, a vida de todos os dias é pródiga para nós em exemplos.

Coelho da Rocha ⁽¹⁾ apresenta um que foi introduzido já, um pouco modificado, numas leituras da 4.^a classe:

Nobre vingança

«Num dia de rigoroso inverno chegou a uma estalagem, encharcado em água, um pedreiro da raia da Galiza, que vinha da Beira, onde tinha andado a trabalhar.

«Na cozinha estavam sentados a uma mesa alguns homens da aldeia. O pedreiro deu as boas-noites, e foi-se sentar a um canto, junto da chaminé, a enxugar a roupa.

«Na roda da mesa estava o pedreiro da aldeia, inimigo dos chamados Galegos ⁽²⁾ por êles virem fazer as obras mais baratas. Começou a fazer chacota do Galego, soprando-lhes à cara o fumo do cigarro. O hóspede, envergonhado, retirou-se e foi procurar descanso a um canto da estrebaria.»

.....

«No meio do silêncio da noite, quando todos dormiam, ouve-se tocar a rebate o sino da torre.

«A casa do pedreiro da terra está a arder; sente-se o estridor do incêndio, e vêem-se subir nuvens de fumo, sacudidas pelo vento.

«O povo acode, e os mais desembaraçados prepararam-se para lutar com o fogo. Mas, a-pesar-dos gritos de desespero da mãe, ninguém se atreve a salvar um menino que os pais, na precipitação da fuga, deixaram no quarto do sobrado.

«Nisto adianta-se um homem desconhecido; sobe rapidamente a um alpendre que havia encostado à casa; trepa até à janela, arromba-a e salta dentro.

«Daí a alguns momentos vêem-no aparecer com a criança atada ao peito.

«O salvador, sem vacilar, salta para o alpendre, que

(1) No livro *O Amigo dos meninos*.

(2) Antigamente os habitantes do Minho também eram chamados Galegos.

já começava a arder, desce como um gato e vai depor o menino nos braços da mãe.

«O galego soube vingar-se com nobreza.»

*

O modelo é de um pedagogista antigo e a moda é zombar da velha pedagogia, preferindo aquela em que se proclama a fraternidade «uma das palavras mais belas inventadas pelo homem», a saúde «a maior riqueza do homem», o ladrão «uma criatura que todos desprezam».

Mas os modelos organizados pelos mesmos processos de que se serviu Amicis ⁽¹⁾ permitem gravar no coração dos pequeninos alguns traços indelévels, ao passo que, por meio da retórica cediça, conselheiresca e monótona dos lugares comuns, conseguiremos apenas incutir nos educandos um grande desejo de abrir a bôca, em bocejos mal reprimidos!

Todos os meus ouvintes têm lido nos livros de leitura repetidos conselhos às crianças:

«Não sejam gulosas. A gulodice é um vício muito feio.»

«Devem falar sempre verdade.»

«A mentira é horrivel, etc. etc. etc.»

Procurei eu ver se, não repetindo as palavras dos outros, conseguia obter melhores resultados.

E, assim, elaborei o pequenino conto:

A confissão

«Julieta tinha um grave defeito: era gulosa.

«Uma vez, surpreendendo aberta a porta de um armário, deixou-se tentar por uma malga de doce.

«O furto foi descoberto, e a mãe, muito desgostosa, reuniu os filhos para descobrir o autor da falta.

«João, envergonhado, chorava, e dos olhos de Helena corriam também algumas lágrimas.

(1) No — *Coração*.

« Julieta, a princípio despreocupada e olhando com fingida indiferença pela janela fora, ao fitar os irmãos, viu as tristes conseqüências da sua feia acção, e sentiu-se oprimida :

« — ¡ Alguém sofria inocentemente por sua causa !

« Não podendo conter-se, gritou :

« — Fui eu, mamã !

« João e Helena, esquecendo imediatamente a injustiça sofrida, aproximaram-se da irmã como que para a defender de um castigo iminente.

« Mas não era precisa a defesa :

« A mãe, depois de contemplar o grupo uns instantes, retirou-se, apressada e comovida. »

.....
 « ¡ Bem adivinhava ela que a lição havia de valer pelas penas mais severas ! ... »

*

Os elementos tradicionais — os contos, as lendas, as adivinhas, os jogos, as cantigas, os adágios — podem prestar ao educador serviços incalculáveis, desde que sejam bem joeirados.

O povo, na sua linguagem simples, mas ao mesmo tempo rica e pitoresca, é uma criança grande, que os pequenos muito bem compreendem e imitam.

(Conclui no próximo fascículo)